

A Territorialidade na Visão Lógica-Cultural Hiperdialética

Territoriality in the Hiperdialethic Logical-Cultural View

Esteban Lopez Moreno

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) e Programa de Pós Graduação em Ensino de Química (PEQUI), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj)

estebanlmoreno@gmail.com

orcid.org/0000-0001-8751-2049

Mércio Pereira Gomes

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

merciogomes@gmail.com

orcid.org/0000-0001-7731-273X

Resumo. O objetivo deste trabalho é buscar um entendimento acerca da territorialidade dentro da perspectiva do Sistema Lógico Hiperdialética (SLH), que permita mapear o processo de formação dos agregados humanos ao longo da história e assim abrir um novo horizonte de compreensão sobre o modelo real da cidade brasileira e suas possibilidades de transformação. A construção de uma cultura hiperdialética só alcançará a sua plenitude depois de passar pelas diversas dimensões pregressas, reconhecendo-as e integrando-as em suas particularidades. Para tal, será necessário exigir muito mais do ser humano.

Palavras-chave: Lógica hiperdialética. Territorialidade. Organização do território. Cidades hiperdialéticas.

Abstract. *The objective of this work is to seek an understanding of territoriality from the perspective of the Hiperdialethic Logical System (HLS), which allows mapping the aggregates human formation process throughout history and thus opening for a new understanding horizon about the real model of the city and its transformation possibilities. The construction of a hyperdialethic culture will only*

reach its fullness after going through the different past dimensions, recognizing them and integrating them in their particularities. For that, it'll be necessary to demand much more from the human being.

Keywords: *Hyperdialectic logic. Territoriality. Territory organization. Hyperdialectic cities.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/10 Publicado: 05/11/2017

1. Introdução

Luiz Sérgio Coelho de Sampaio foi um filósofo brasileiro que desenvolveu um novo sistema lógico-filosófico que denominou de Sistema Lógico Hiperdialético (SLH), ou simplesmente, Hiperdialética. Por esse sistema lógico-filosófico, o mundo é entendido como uma trama calculável, ainda que não absolutizada, nem de todo consciente ao sujeito, de visões complementares e ascensionais. Sobre as quatro lógicas básicas – a da identidade ou transcendental; a da diferença; a dialética; e a lógica sistêmica ou clássica – rege a lógica hiperdialética, que dá sentido aos modos como cada uma delas opera e aos objetos que cada uma delas visa e dá sentido (SAMPAIO, 2000).

Segundo as palavras de Sampaio, “as lógicas não são "res cogitans", nem substâncias, nem coisas, nem aparelhos, nem suscetíveis de localizações, elas produzem, fazem surgir um "modo de ser" ou “aspecto da realidade”” (SAMPAIO, 2000, p.117). Com efeito, Sampaio desenvolve o seu sistema lógico para compreender e ressignificar diferentes dimensões da realidade, da filosofia à psicologia, da matemática à física quântica, chegando a prever, neste último campo, propriedades de subpartículas que ainda estão por serem descobertas.

No campo da territorialidade, Sampaio nos deixou um campo a ser explorado. A ideia de territorialidade nasce da atitude instintiva dos animais - incluindo a nossa espécie - que promove a ocupação e defesa do território que serve como seu campo de atuação. Trata-se de um conceito que interfaceia diversos campos do saber, como a sociologia, a psicologia social, as ciências jurídicas, no caso do ser humano está profundamente arraigada com a cultura.

Numa linguagem introdutória, podemos dizer que a base lógica diferenciadora (D) de nossa organização territorial está em sua codificação por meio das trocas e da linguagem, em seus diferentes modos e aspectos, e mais além, por tudo aquilo que permite a percepção do espaço entre uma coisa e outra. A Lógica D, portanto, é que nos dá o senso de espaço e territorialidade. É a res extensa, tal como pensada por Descartes. Por outro lado, a operação da identidade (I) se alicerça na homogeneidade da comunicação no que diz respeito aos processo de formação da matriz da cultural humana que é comum a todos nós. A Lógica I nos dá o senso do tempo. As resultantes topológicas referentes à interação

destas duas lógicas básicas (I e D) irão criar os espaços de territorialidade por meio do embate entre a homogeneização e a diversificação cultural.

O conceito de territorialidade tem um uso mais amplo do que se propõe a ser explorado neste artigo. Por ora, vamos nos contentar em aplicá-lo a organização das habitações humanas, de seus primeiros agregados, desde as aldeias nômades ou vilas indígenas, até as grandes cidades modernas e aquilo que seria ou será a cidade hiperdialética.

Além das cinco lógicas, Sampaio, propôs duas pré-lógicas associadas à culturas que ainda não teriam alcançado o nível de representação lógica em sua concepção cosmológica. Ao todo, duas pré-lógicas e são cinco lógicas, e sua aplicação sintetizadas a seguir (GOMES, 2011; SAMPAIO, 2000, 2001, 2002).

Advertimos que, a despeito da proposta de criação de uma inteligibilidade lógica no uso da territorialidade, em nenhum momento ela pode se apresentar de forma absoluta, há sempre associações de uma lógica com outra de forma que o que se mostra é apenas aquela que possui maior evidência, seja por contingências naturais (clima, geografia) ou culturais (historicidade). Cabe também ressaltar que o ser humano é hiperdialético e se desvela por igual na humanidade, não importa o estágio lógico ou pré-lógico em que se encontra.

Aplicação do SLH à Territorialidade

Pré-lógica I - A humanidade iniciou sua trajetória histórica como caçadores-coletores, aqueles primevos *Homo sapiens* que evoluíram na África há mais de 200 mil anos. Neste estágio nômade, nossa espécie cria uma visão animista do mundo, há um sentimento de mútua reciprocidade com a natureza, homens e animais encontram-se em íntimo relacionamento. Esta cultura vive mais no tempo do que no espaço, sua ocupação territorial dá-se pelo imperativo da sobrevivência, e são internamente pouco diferenciadas ou hierarquizadas. Há, por exemplo, os que são excelentes caçadores ou ainda aquele que canta melhor, porém todas as atividades são igualitárias e a própria sociedade cria impedimentos para não existam privilégios. Deste modo, todas as habitações apresentam padrões semelhantes - ainda que em seu íntimo se diferenciem - e são construídas com materiais de pouca durabilidade e robustez (e.g.: galhos de taquaras, troncos de árvores, palhas, folhas, couro). A disposição das habitações segue frequentemente um padrão circular, de forma a homogeneizar os espaço de troca.

Elas são exemplificadas, na atualidade ou desde o século XVI, pelas comunidades de caçadores e coletores de diversas regiões do mundo, como o sul da África, os pigmeus Ndembu das florestas da África Central, os Aborígenes Australianos, os Ona e Alacaluf do sul da América do Sul, os Esquimós do Círculo Ártico, bem como por povos que praticam uma agricultura itinerante, de pouco excedente, tal como os povos que habitavam e ainda habitam o território brasileiro, para exemplificar casos mais próximos, sem esquecer os agricultores africanos e indonésios e tantos mais. No momento em que esses povos encontram meios econômicos e ambientais de aumentar suas populações, suas habitações adquirem maior robustez e permanência, o que coincide com

desenvolvimento de uma agricultura mais permanente, em geral de regadio, e uma intensificação de criação de animais domésticos, começa a emergir a função diferenciadora de segmentos populacionais em proto-classes, característica da pré-lógica D.

Pré-lógica D - Nesta nova etapa a sociedade passa a ter apego à terra e a desenvolver uma nova forma de religião na qual a natureza e os homens já não caminham juntos, ainda que permaneçam nostalgicamente relacionados por meio de deuses, temidos e idolatrados, com qualidades de animais. Nas culturas ameríndias, surge uma nova forma político-social conhecida na literatura antropológica como cacicato, onde emerge um sistema social baseado em proto-classes e um controle político de ordem teocrática. O trabalho não é mais exclusivo à produção para o grupo familiar ou social mais próximo, mas passa a se tornar um trabalho para outrem, em outras palavras, alienado do seu propósito original, e começa a ser explorado em uma hierarquia social bem demarcada.

As novas organizações sociais refletem-se em sua territorialidade. Em oposição à pré-lógica anterior, as habitações passam a possuir uma estrutura robusta com uso de materiais diversificados e de maior permanência - como adobe, argamassa e pedra - adquirindo também formatos diferenciados conforme a hierarquia e o grau de especialização. Emerge uma clara divisão do trabalho e as primeiras especialidades artísticas.

Com o distanciamento cada vez maior entre as elites político-religiosas e a população, vão surgindo os primeiros grandes impérios, como egípcios, babilônicos, maias, incas e chineses. Os primeiros grandes estados apoiavam-se na presença de seus múltiplos deuses - com a predominância de um ou outro, por vezes por animais fabulosos que tornam imperiosa a obediência - para justificar o controle da população, de forma a impedir a luta de classes e aceitar a desigualdade econômica e social. Esta imposição imagética levou à construção de estruturas suntuosas, como os grandes templos do Egito ou os opulentos palácios da China antiga.

O desenvolvimento da escrita, que ocorre ao final deste período pré-lógico, da matemática, da crescente variação das atividades socioeconômicas, e a sacralização extrema da desigualdade social evoca o nascimento da primeira lógica, a da identidade.

Lógica da Identidade (Lógica I) - Entramos no limiar do simbólico, no nascimento da primeira lógica básica. Aqui o sentimento de identidade faz-se de novo presente, no entanto a consciência agora volta-se para a autorreflexão, da identidade e da autodeterminação. É nesta lógica que se origina o alfabeto, as letras passam a não se referenciar a coisas ou sons, mas abstrações irreduzíveis em si. É a lógica do ser em si, primeiro evocada pelo filósofo grego Parmênides, e na era moderna por Descartes, com o sujeito pensante da ciência, a “res cogitans”, bem como pelo sujeito transcendental de Kant. Nesta lógica a verdade se apresenta cristalina como uma revelação, uma coisa em si, que se opõe ao falso. Parmênides revela esta lógica ao declarar que “o ser é”. Antecipando em muitos anos as bases da verdade e da epistemologia que outros filósofos iriam criar, Parmênides enunciou que “ser e pensar são o mesmo”.

A lógica da identidade se manifesta em culturas de baixa intensidade e desigualdade social, formada por uma pequena elite de teólogos, pastores, agricultores ou comerciantes que transitam nos interstícios dos grandes impérios clássicos, ora submetidos a eles, ora desafiando-os em busca de sua autonomia. Em seu primeiro estágio, a territorialidade desta lógica se constrói entre as primeiras cidades, como o assentamento neolítico de Çatalhöyük (Figura 1), na Ásia Menor, sem ruas separando as habitações, todas simples e pouco diferenciadas, e regidos sob a idealização de uma deusa mãe unificadora, ainda com elementos da transição do pré-D.

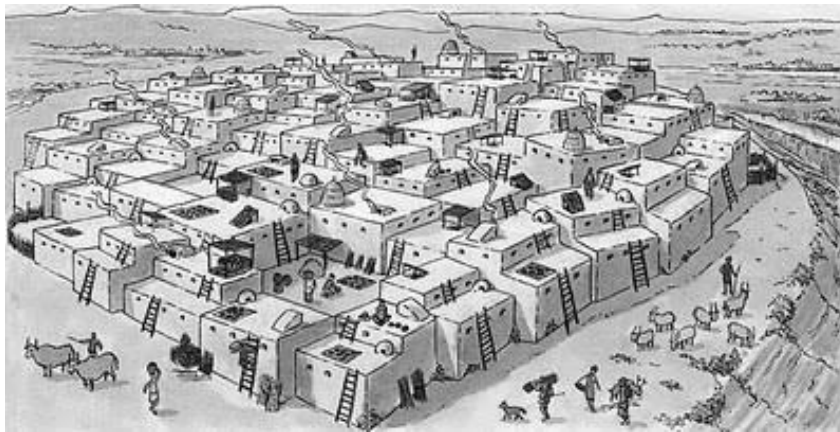


Figura 1. Çatalhöyük, uma das primeiras grandes cidades do mundo (9.000 a.C.).

Fonte: <https://www.thinglink.com/scene/576157568150274049>

Aos poucos as comunidades oriundas desta visão lógica tornam-se muradas, como a cidade bíblica de Jericó, que demarca de forma clara a sua identidade territorial. Seus muros cercam principalmente aquilo que é necessário à própria sobrevivência. Esta organização se manifesta de forma mais clara na formulação do deus único, no monoteísmo hebraico na medida em que se declaram como um ser simbólico autorreferenciado, não personificado, nada existindo fora dela. É ela, por isso, que evoca que se destruam as imagens dos animais, as estátuas e o seus ícones, passando-se a referenciar o Ser único como o ente simbólico. Em sua expressão mais avançada, temos as antigas cidades árabes, como Damasco e Toledo, com sua arquitetura e desenhos geométricos de elaborada beleza e harmonia.

Em séculos posteriores, a lógica transcendente vai concretizar os kibutz judaicos - eles próprios pertencentes à lógica I -, pequenas comunidades economicamente autônomas caracterizadas por uma organização igualitária e democrática, sob inspiração socialista. Ou nas feitorias portuguesas criadas à pulso em sua busca da implantação do identidade (I/D) sobre um território ocupado pelos povos indígenas brasileiros (pré-I). Ou ainda, dentro dos governos imbuídos de uma modernidade avassaladora, que constrói contingentes de casas populares sem qualquer instinto diferenciador, como se nela fossem habitar autômatos desalmados.

Lógica da Diferença (lógica D) é a lógica que se refere ao “outro”, o não-conhecido e o não-identificável. Ao direcionar o ponto de vista do “outro”, ela se indaga sobre a validade do “mesmo”. Isto é, a Lógica da Diferença confronta e desafia a Lógica da Identidade, bagunça as suas certezas imanentes e transcendentais. A Lógica da Diferença é a lógica própria do inconsciente, da dúvida, conseqüentemente da indagação, e também do coletivo, do corpo, do descontínuo, enfim, da res extensa. A lógica D junto com a lógica I constituem as duas lógicas básicas sobre o qual se derivam todas as outras.

A organização territorial gestada a partir da lógica da diferença não é imediatamente apreensível, não segue a rigor qualquer padrão prévio de planejamento de um sujeito, de governo ou de alguma lógica estruturante. A irregularidade de suas ruas e conformações é a materialização física de seu inconsciente social e não simbolizam, necessariamente, caos ou desordem, mas sim alguns dos elementos necessários para um sistema de crescimento urbano flexível e que mais facilmente responde às demandas sociais, funcionais daquela população.

As cidades da antiga Grécia e Roma eram bons exemplos. Muitas delas eram pontos avançados de conquista de territórios e consolidação de seu império, porém fisicamente a estratégia de garantia de posse passava pela fagocitose das culturas locais sem que o encontro representasse graves perdas, assumindo como resultado final uma mescla de estruturas físicas e práticas culturais. Com efeito, cada cidade grega (ou romana) tinha o seu próprio deus protetor, por vezes oriundos de culturas muito distantes da sua, adquirindo idiosincrasias locais, antes de Heródoto e Tucídides tentar lhes dar um sentido comum. Um bom exemplo desses arranjos nos tempos atuais estão presentes em nossas favelas, com seu amálgama multifacetado de culturas - sons, cores, cheiros, paladares - intercalados de construções que recebem maior destaque, como a igreja, a UPP, a casa do chefe do tráfico.

Lógica Dialética (lógica I/D) é a lógica da temporalidade, sendo constituída como uma lógica derivada da síntese das lógicas da Identidade (I) e da Diferença (D), que necessariamente a precedem. Nesta lógica, a verdade é o todo que se forma pela integração dos contrários ou dos diversos, sendo estes apenas instâncias em busca de devir. Platão, com sua concepção da ideia, que é o conceito em si, é o primeiro a usar dessa lógica com clareza. A verdade não está nem na aparência multifária do ser, nem na sua unicidade percebida, mas na síntese lógica dessas duas instâncias, numa forma ideária só apreensível pelo intelecto.

O desenvolvimento da lógica I/D deu-se notadamente na Europa, com o domínio do cristianismo como religião do Império Romano, e envolvimento de todo o período medieval. Sua arquitetura característica notabiliza-se pela centralidade das estruturas que representam o poder religioso, como as imponentes catedrais e igrejas, cercada e protegida de um poder múltiplo, disperso e organizado dentro de seus muros e fronteiras. Estas agora se tornaram mais fluidas do que a fortaleza da lógica I - especialmente receptivas ao mercantilismo crescente - , ao mesmo tempo menos tolerantes que a organização D na medida em que valorizam suas própria historicidade.

Na medida em que o capitalismo torna-se a força unificadora, são os grandes prédios de escritórios na forma de arranha-céus que vão ocupar os locais de centralidade, dessacralizando os antigos espaços de poder unificador da igreja. A emergência desta nova força produtiva irá desaguar na próxima lógica estruturante.

Lógica Clássica ou Formal (lógica D2) é a lógica da sistematicidade do ser, dos conjuntos autossuficientes, da funcionalidade e da estrutura. É a lógica que permitiu a classificação da natureza em classes, categorias, ordens, grupos, subgrupos etc. É também conhecida como lógica do terceiro excluído, a lógica que abarca a todos os componentes de um sistema por categorização de identidade, contrariedade, síntese e proximidade, deixando de fora apenas aquilo que não faz parte de modo algum do sistema, um terceiro qualquer, até que possa ser incluído por novo processo de totalização. Essa nova totalização é feita por incorporação de similitude, não por síntese com na lógica I/D progressiva.

É no capitalismo pleno que esta lógica encontra seu território de multiplicidade, ao mesmo tempo que a consciência da vontade humana é obscurecida por um deus movido pelo dinheiro, por um ideário mecânico, invisível, amoral. Neste sistema de estruturas multifacetadas de prédios e territórios, à semelhança de um organismo vivo, todos cabem, ao mesmo tempo que alguns cabem mais do que outros, por meio de leis, regras e classificações operadas por outras lógicas, não necessariamente justas e coerentes. É o território das grandes cidades, que abriga do pobre morador dos guetos ao rico empresário, intercalado por estamentos intermediários.

Lógica Hiperdialética (lógica I/D2) é a lógica que subsume todas as demais num conjunto integrado com um novo fator: a intersubjetividade e a intencionalidade do ser a superar a sua condição de prisioneiro da estrutura e da sistematicidade característica da lógica anteriores. Não se trata de um novo operador exógeno que faz o sistema funcionar, mas é ele próprio um motor de ação. Este fator está inserido como parte constitutiva da nova lógica, que se move por si mesma. A Lógica Hiperdialética corresponde ao sentido integral do ser humano, seu modo próprio superior de ser-pensar. Todo e cada ser humano pensa ou pode pensar hiperdialeticamente.

Em termos culturais, as cidades hiperdialéticas são aquelas nas quais as pessoas convertem-se em protagonistas do espaço público, tornando-se mais tolerantes quando as diferenças culturais (D), ao mesmo tempo que reconhece a sua unidade (I), sua historicidade (I/D) e os dinamismos próprios da modernidade (D2), sendo permeado do sentimento de uma compreensão amorosa e ética. A cidade hiperdialética reconhece-se em sua incompletude, mas tampouco desacredita no valor de tudo que já foi conquistado pelas culturas anteriores.

Uma cidade hiperdialética não se define tanto pelo seu território, mas pelas pessoas que a habitam em seu diálogo pela cidadania. A construção de uma cultura hiperdialética só alcançará a sua plenitude depois de passar pelas diversas dimensões progressivas, reconhecendo-as e integrando-as em suas particularidades. Para tal, será necessário exigir muito mais do ser humano. Cabe a nós construir este futuro e ele começa aqui e agora.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

SAMPAIO, L. S. C. de. **Lógica Ressuscitada**: Sete Ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

_____. **Lógica da diferença**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001.

_____. **Filosofia da cultura** – Brasil, luxo ou originalidade. Rio de Janeiro, Ágora da Ilha, 2002.

_____. **Física Moderna** - partículas e forças, buracos negros, constantes universais, princípio antrópico, história e destinação da física, a partícula de Higgs, a física como recôndito desejo da modernidade, Rio de Janeiro, 2005, Editora H. P. Comunicação.

GOMES, M. P., **Antropologia Hiperdialética**, Editora Contexto, 2011.